

OS CORPOS MONSTRUOSOS VÃO DEVORAR A UNIVERSIDADE

Ana Carolina Santino de Sá

Graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas
a232854@dac.unicamp.br
<https://orcid.org/0009-0006-9592-5197>

Larissa de Fátima Adorno Inácio

Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas
l233805@dac.unicamp.br
<https://orcid.org/0009-0003-8597-4639>

REVZAB
•••••

RESUMO

O presente artigo partiu no intuito de realizar observações etnográficas dos eventos que ocorreram no Festival das Cotas Trans, organizado pelo Núcleo de Consciência Trans da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), nos dias 5, 6 e 7 de junho de 2024. Participamos no campo de maneiras distintas, exercitando nosso olhar pesquisador sem deixar de lado os belos experimentos que nossos corpos são capazes de fazer (Hartman, 2022). Fomos atravessados pelo campo de diferentes formas, mas que se incidiram e nos levaram à intervenção artística na qual o presente trabalho se propôs a fazer. Diante disso, dividimos este trabalho em três partes: (1) Introdução; (2) Uma participação observante: relatos do festival de cotas trans; (3) Monstros e ameaças ocupando a universidade, onde exploramos a subversão que parte das possibilidades radicais hospedadas pelos corpos trans e racializados. Fizemos isto por meio de uma intervenção artística realizada na Universidade Estadual de Campinas, que teve como principal suporte teórico as obras de Preciado (2019; 2021) e Da Silva (2021).

Palavras-chave: Decolonialidade; Cotas-Trans; Corpos-monstruosos; Corpografia; Humanismo-radical.

ABSTRACT

This article was based on the intention to realize ethnographic observations of the events that occurred in Festival das Cotas Trans, organized by Núcleo de Consciência Trans of State University of Campinas (UNICAMP), on June 5, 6 and 7, 2024. We participated in the field in different ways, exercising our researcher's view without leaving aside the beautiful experiments that our bodies wayward are capable of accomplishing (Hartman, 2021). We were crossed in different forms, but that affected and took us to the artistic intervention on which this work set out to make. Given this, we divided the work into three parts: (1) Introduction; (2) A participatory observation: reports from the trans quota festival; (3) Monsters and threats occupying the university, where we explored the subversion that starts of radical possibilities hosted by trans and racialized bodies. We did this through an artistic intervention carried out at the State University of Campinas, which had as its main theoretical support the works of Preciado (2019; 2021) and Da Silva (2021).

158

Keywords: Decoloniality; Trans-Quotas; Monstrous-bodies; Corpography; Radical-humanism.

Introdução

Diante dos caminhos modernos impostos pelo modelo colonial-capitalista, a dinâmica estrutural que abarca nossas vivências enquanto sociedade se dá no espaço urbano. Esse espaço, demarcado em diferentes nações e estados, representa o molde arquitetônico no qual a nossa vida acontece, e onde estes modelos se reproduzem para manter o que esse espaço representa (Paterniani, 2016). Aqui, focamos em especial, a atenção para as cidades mais urbanizadas, com maior densidade populacional e desenvolvimento econômico, ao que elas exprimem deste modelo de civilização e às continuidades da colonização que nelas se apresentam.

Se retrocedermos no tempo, e olhamos para os primeiros desdobramentos da colonização, percebemos que o ato de apagar o Outro, de forma física e material, como também de forma ontológica e epistêmica, é um dos padrões de silenciamento e apagamento desse sistema societal (Brasileiro, 2022; Kilomba, 2020; Carneiro, 2023). Em “Memórias da Plantação”, Grada Kilomba nos leva a refletir sobre o poder da boca no contexto do período colonial. Ao analisar *o retrato de Anastácia*¹, Kilomba nos mostra como o medo do colonizador de seu colonizado gera nele um processo profundo de negação do seu próprio projeto de colonização, e constrói na figura do Outro o que se deve temer e silenciar, pois este representa uma ameaça iminente à sua narrativa. A máscara que silencia Anastácia é só o artefato físico do apagamento, o colonialismo inventou suas bases e se certifica de criar e recriar essas narrativas de negação (Kilomba, 2020). Na mesma moeda, se olhamos para a realidade do ambiente acadêmico, podemos perceber que:

159

Ele é um espaço branco onde *o privilégio de fala* tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicos brancos têm desenvolvido discurso teóricos que formalmente nos construíram como o Outro inferior, colocando africanos em subordinação absoluta ao sujeito branco (Kilomba, 2020: 50, grifos nossos).

Kilomba ainda teoriza que o lugar de *sujeito branco*, que guia as continuidades coloniais, se faz em relação a Outridade que detém tudo de *ruim, maléfico e primitivo*, que a “pureza sagrada” da branquitude se opõe (Kilomba, 2020).

Se olhamos para o nosso passado enquanto nação, sabemos que as grandes cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo, se estabeleceram criando barreiras e divisões racistas e higienistas para as suas populações (Azevedo, 1987). As políticas de planejamento urbano presentes no começo da república, tinham como *modus operandi* a ideia de que os centros urbanos precisavam retirar pessoas indesejadas daquele espaço, despejando-as para as áreas periféricas (Azevedo, 1987). Ao passo que, ao mesmo tempo era necessário se criar trajetos para que estas pessoas voltassem ao centro, pois estes mesmos ‘corpos indesejáveis’ de vadios, criminosos e prostitutas eram os que estavam por trás da construção e manutenção deste espaço, independentemente do quanto esse lugar se opusesse às suas presenças (Paterniani, 2016). Nessas grandes cidades, existe uma pluralidade de corpos vivendo cotidianamente lado a lado, e por mais que a vida diária das grandes sociedades modernas nos diga sobre direito, liberdade individual e igualdade entre todos seus agentes, diversas pessoas têm esses direitos aniquilados pela monocultura de corpos oriundos desse passado de *Plantation*² (Kilomba, 2020).

Destarte, partimos dos belos experimentos que esses corpos rebeldes (Hartman, 2022)

são capazes de fazer ao reinventar e reconstruir essas ruas, de modificar diariamente o espaço, de transverter algo que outrora os quer apagado. Pois, tão somente, não é a cidade que modifica a vivência desses corpos, mas as realidades desses corpos também geram a cidade. Diferentemente do que as ciências humanas vinham pontuando sobre esses corpos dissidentes, enquanto passivos diante da repressão, esses mesmos nos apresentam, a partir de suas *corpografias*, capazes de viver e reinventar os ambientes para que eles se adequem às vicissitudes humanas.

[...] O ambiente (urbano, inclusive) não é para o corpo meramente um espaço físico, disponível para ser ocupado, mas um campo de processos que, instaurado pela própria ação interativa dos seus integrantes, produz configurações de corporalidades e qualificações de ambientes: as ambiências.

As corpografias permitem tanto compreender as configurações de corporalidade em termos de memórias corporais resultantes da experiência de espacialidade, como compreender as configurações de ambiências urbanas em termos de memórias espacializadas dos corpos que as experimentaram. Elas expressam o modo particular de cada corpo conduzir a tessitura de sua rede de referências informativas, a partir das quais o seu relacionamento com o ambiente pode instaurar novas sínteses de sentido que não apenas complexifiquem suas habilidades perceptivas e coadaptativas, mas que, simultaneamente, requalifiquem as condições interativas das ambiências geradas nesse processo. (Britto; Jacques, 2012: 150).

Diante da discussão colocada, nos aproximamos das realidades da comunidade LGBTQ+, em especial de corpos trans e travestis, e através de seus discursos e performances realizados na semana do Festival de Cotas Trans que ocorreu na Universidade Estadual de Campinas. Essa comunidade assim como outras minorias³, passa por esses processos de retirada de direitos e apagamento por parte do Estado, apesar disso, se faz presente dentro do corpo da cidade numa constante luta por cidadania e reivindicação de espaços. Essa cidadania, que inicialmente é desenvolvida para os referenciais de certos corpos brancos, masculinos, cis e heteronormativos, se vê modificada com o tempo diante das reivindicações, que mesmo em passos curtos, é transformada para abranger novas realidades que outrora tentava não encarar (Bernardino-Costa; Borges, 2021).

O presente trabalho, diante desta perspectiva, partiu do intuito de realizar observações etnográficas dos eventos que ocorreram nos dias 5, 6 e 7 de junho de 2024, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Foram diversas as atividades que ocorreram no Festival das Cotas Trans, organizado pelo NCT (Núcleo de Consciência Trans), com o objetivo de dialogar e promover medidas afirmativas para a comunidade dentro da universidade pública. O evento contou com diversas atividades, como a Mesa de Saberes Trans⁴, a Feira de Artistas Trans, o *workshop de Vogue, Slam Ball, a Ballroom*, entre outras.

Participamos no campo de maneiras distintas e fomos atravessados de diferentes formas por ele, mas que se incidiram e nos levaram a intervenção artística na qual o presente trabalho se propôs a fazer. Assim, dividimos este trabalho em mais duas partes: (1) Uma participação observante: relatos do festival de cotas trans; (2) Monstros e ameaças ocupando a universidade, onde exploramos a subversão que parte das possibilidades radicais hospedadas pelos corpos trans e racializados por meio de uma intervenção artística realizada na Universidade Estadual de Campinas.

Participações Observantes: relatos do Festival de Cotas Trans

Relato de Larissa

Durante as atividades às quais participei na semana, nos discursos nelas realizados, nas artes de divulgação e nas artes expostas, um assunto era recorrente: o futuro das pessoas trans. Este futuro, diferentemente dos discursos antropológicos de sofrimento referidos acerca dessa população, é pautado em cima de vida, cidadania e cultura.

Neón, 54 anos, mulher trans, negra e ameríndia, conta em seu relato-conto na Mesa de Saberes Trans sobre um Brasil a seu ponto de vista. Se reconhece como mulher aos 4 anos, e afirma que diferente de outros corpos trans, ela não transicionou, ‘ela sempre foi’, visto que a sociabilidade de direitos aos corpos trans, passam pela sua “normalização” diante da sociedade formal. Quando pequena seu sonho era ser faxineira e não ativista, escritora e produtora cultural como é hoje, pois via na força de sua mãe, uma mulher negra e nordestina, as possibilidades de criar e mudar que a faxina dava. Lutou contra ditadura em sua adolescência e juventude, e teve que ver suas amigas, que estavam em posições ainda mais marginalizadas e sacrificantes naquele momento, pois nas ruas, situações como ela passou, de ter que ver sua colega levar um tiro no rosto e ouvir o policial que atirou dizendo: ‘não se assustem, só corram’, eram normais. Contudo, quando se passam os anos de repressão pública, ela se pergunta: “*Se eu lutei pelo direito à cidadania de todos, como ainda não sou cidadã?*”.

161 Enquanto uma mulher cis, negra, bissexual e gorda maior⁶, muito do discurso da Neón reverberou por dias na minha cabeça. Meu corpo, sempre monstruoso, descobre algumas de suas designações desde muito cedo, se percebe alienígena junto ao convívio com os “normais”; com o passar dos anos eu aprendo: o dito diferente é o “meu” normal. Percebi primeiro, o mais aparente, perturbador e incômodo das ameaças a universalidade do normal⁷ – o peso do meu corpo junto a minha cor, me fez entender o quanto as relações corpóreas que eu tinha em sociedade partiam de um não lugar.

Sendo uma pessoa gorda desde muito cedo, já aos 12 anos, a medicina e os parâmetros de saúde, alocaram meu corpo *obeso mórbido*⁸, assim, todo meu caminho depois dali era de um corpo incapaz de viver se não se colocasse a normalidade. A brancopia (Paterniani, 2022) normalizadora também não cede espaço a corpos maiores e nega sua cidadania, desde banheiros, cadeiras, macas e portas estreitas demais, ou os preconceitos que cerceiam sua carreira profissional; até a patologização médica de pessoas gordas que levam às mortes justificáveis do Estado e seus reprodutores⁹.

Como um respiro de alívio, estar aqui, vivendo junto de outras corpos dissidentes, me mostra como há uma falência incessante desse sistema e como nossas figuras nesses locais é uma ameaça a continuidade inquestionável da branco-hétero-cis-normatividade. Sua tentativa de colonizar novamente nossos corpos é muito mais passível de descolonização quando se depara com nossas existências rebeldes que crescem em beleza nas rachaduras dessa concretude do normal. Estas transfiguram-se, transpassam e transformam.

Esses não-lugares que a branquitude tenta impor, é apenas o sinal da falência de seus próprios moldes, se pensamos acerca do *Mito da Forma Eterna* (Brasileiro, 2022), vemos que o maior temor da sociedade moderna é o medo da morte e do esquecimento, na mesma moeda

em que ela mesma dita a uma parcela de corpos dissidentes o apagamento. O *negrume*¹⁰ que esses corpos representam, significam a forma inesgotável e imprescindível da diversidade de víveres e suas possibilidades outras nos caminhos que essa universalidade tenta esconder; aqui se encontra a beleza eruptiva e decolonial dessas encruzilhadas que modificam espaços e normas.

Todas as intervenções propostas no festival de alguma forma reivindicaram pelo seu espaço na sociedade como cidadãos plenos e de valor, na expectativa de que esta população avance cada vez mais nos locais onde são marginalizados, a fim de quebrar esse estigma e transverter esse futuro negado a tantas pessoas trans que tiveram suas vidas arrancadas pela cismatividade imposta.

Vale ressaltar que a última grande greve dos estudantes na Unicamp, realizada em 2023, foi liderada pelo Núcleo de Consciência Trans com objetivo de pleitear por cotas trans e PCDs. Na mesa de saberes trans, Sátira Bernardes nos lembrou em seu discurso, que tal greve foi um exemplo de como grandes atos são e ainda serão liderados por pessoas trans, divergentes e suas pluralidades. Além disso, diferente de outros eventos nesta mesma universidade, o Festival de Cotas Trans se fez inclusivo em todas as atividades, contando com intérprete de LIBRAS, descrição auditiva e espaços reservados a pessoas com deficiências. O que nos mostra o quanto importante é a movimentação de novos grupos sociais no debate público, pois para além de suas demandas específicas, a Comunidade Trans respeita, saúda e convoca a outros corpos divergentes a estarem presentes e fortalecidos dentro desse espaço¹¹.

Este espaço da universidade, que muito antes de hoje, já foi usado diversas vezes enquanto espaço de reprodução de estereótipos e segregação social, começa a dar novos rumos e novas caras ao ambiente; talvez não de maneira proativa, como gostaríamos que fosse, e sim através da luta política de corpos dissidentes que aqui já residem.

As cotas significam para estes grupos, não apenas a possibilidade de mudança de vida, mas também a possibilidade de transformar a vida das próximas gerações de existências similares, que terão suas demandas viabilizadas por um direito social. É a convicção de que se é possível fazer mudanças a partir da educação, e de uma nova postura quanto a participação desses grupos historicamente inferiorizados (Bernardino-Costa; Borges, 2021; Cunha, 2016), e como sabemos pelos reflexos das cotas raciais e indígenas nesses anos:

[...] É preciso sair dessa universidade e inaugurar uma nova, em que os **ensinamentos das minorias majoritárias vicejam**. O inédito cenário que traz a entrada coletiva de estudantes negros(as) e indígenas nas universidades é o palco para uma transformação radical. Em decorrência dessa entrada coletiva, diferente da individual ou esparsa, e, mais ainda, do ingresso cosmético, estudantes com a força avassaladora de suas profundas raízes e suas mãos entrelaçadas não precisarão e não mais se metamorfosearão em brancos; essa é nossa esperança. (Bernardino-Costa; Borges, 2021: 12, grifos nossos).

Pensando em caminhos de interseccionalidade (Collins; Bilge, 2021), cultura aparece aqui no mesmo nível que cidadania, pois ela é tão importante quanto para a vivência e continuidade, não apenas para a comunidade trans como também para outras populações socialmente excluídas, a exemplo, os espaços que consomem a cultura hip hop no Brasil desde os anos 90: “[...], a negritude se sentia entre iguais e o entretenimento era vivenciado como uma alternativa ao racismo cotidiano, ou seja, nas festas a hierarquia racial presente no cotidiano desaparecia”. (Vieira; Santos, 2023). A cultura Ball Room e Vogue, que vêm

crescendo no Brasil, é herdeira de uma cultura ancestral LGBTQ+ que vive desde muito tempo restringida aos espaços periféricos e de exclusão urbana, mas que ao mesmo tempo carregam a alma das noites e o vicejar das festas. Esta mesma cultura, vive hoje e pode se ver refletida no ambiente das universidades de forma a atrair novos corpos e significações para este ambiente.

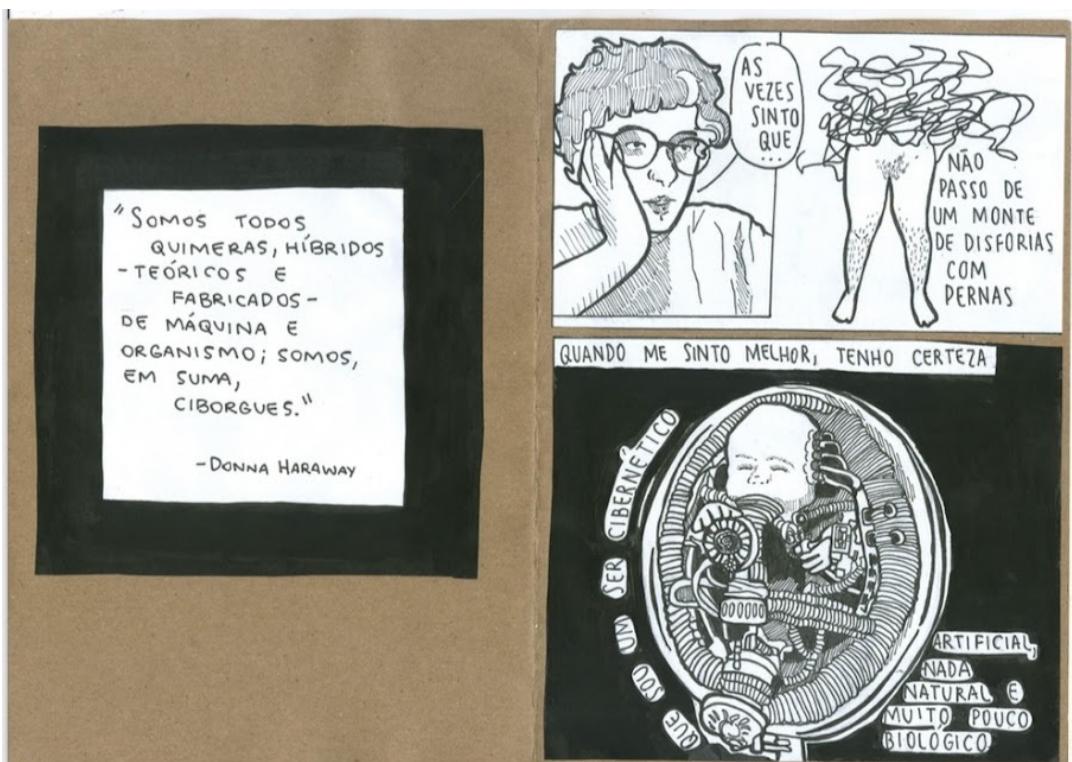
Por fim, resgato a fome de reparação de meus ancestrais, as ânsias que apertam as existências outras, e lembro que para existir comemos pelas beiradas e nos apossamos dos direitos restringidos nesse espaço. Penso minha boca com o poder de vicejar futuros e faço minha as palavras de Luara Santos, membra integrante da formação do Núcleo de Consciência Trans, em um ato de esperança para que novos corpos divergentes assim como eu, estejam nesse espaço para falar como agentes e não mais como objetos: *Os Corpos Monstruosos vão DEVORAR a Universidade*.

Relato de Ana

Sou uma pessoa trans não binária, *uma máquina-organismo, um experimento de composição das minhas múltiplas identidades que se acoplam a mim como próteses tecnológicas [...] que por acaso é lido como mulher*¹². No dia 5 de junho, fui junto de Larissa, minha companheira de escrita deste ensaio, assistir a mesa de saberes trans. Ao final da mesa foi anunciado que ainda estavam abertas as inscrições para a feira de artistas trans que iria acontecer no dia seguinte.

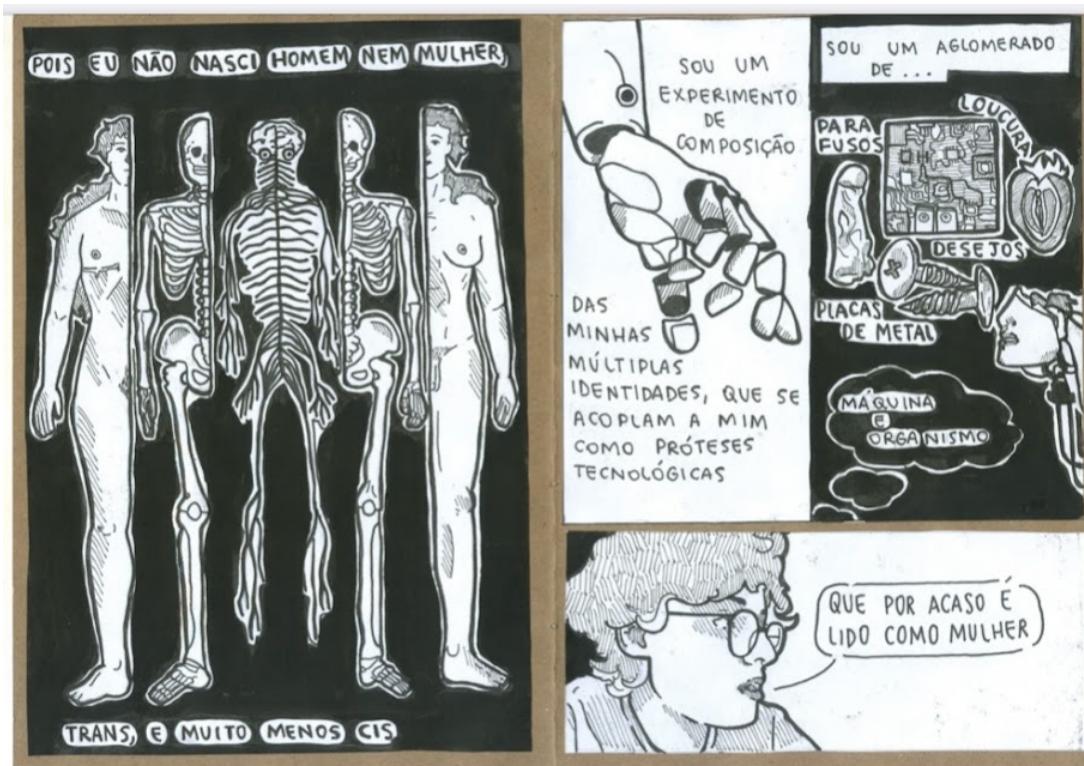
163

Imagen 1: páginas 1 e 2 do zine “Relato de uma transgeneridade cibernética”.



Confeccionado por Ana Carolina Santino de Sá.

Imagen 2: páginas 3 e 4 do zine “Relato de uma transgeneridade cibernética”.



Confeccionado por Ana Carolina Santino de Sá.

164

Sempre gostei de desenhar, desde pequeno¹³, mas esse exercício tomou um lugar de extrema importância na minha vida a partir da pré adolescência, no momento em que minha sexualidade e minha expressão de gênero se chocaram com os valores cristãos da minha família. O desenho e a escrita se tornaram para mim, a partir daquele momento, uma ferramenta de sobrevivência, de subversão, de cura. Eu não costumava falar que desenhava, o medo de mostrar meus desenhos (imagens 1, 2 e 3) e o medo de me afirmar enquanto uma pessoa dissidente de gênero me rondavam, pois eles eram ofensivos demais para o meio em que eu vivia.

Tentei conter meus tentáculos alienígenas dentro do armário (Sedgwick, 2007), até fingir gostar de um menino para parecer um pouco mais com as outras meninas, mas no fundo não me sentia como elas, mas também não me sentia como eles. Vivia nesse limbo inominado. Até que não foi mais possível, desde então passei a ser uma criatura ameaçadora em plena luz do dia para minha família e a igreja. Meus pais sempre prestavam muita atenção quando eu ficava a sós com a minha irmã mais nova, pois eu era essa criatura perigosa para a estrutura cisgender normativa que sustentava minha família, mas também era portador de conhecimentos misteriosos e poderosos, capazes de transformar minha irmã em uma monstruosidade como eu apenas com meus poderes psíquicos e minha língua afiada.

Imagen 3 (sem título); Imagem 4 “Adão e Ivo”; Imagem 5 (sem título).



Artes de Ana Carolina Santino de Sá

165

Essa foi uma parte da minha adolescência, da qual é difícil deixar para trás as marcas, tanto que continuava não mostrando meus desenhos mesmo com todo caminho até aqui percorrido. Mas após a mesa do dia 5 de junho, com todas as narrativas e histórias de muita luta e coragem de todas as pessoas trans que compuseram aquele espaço, tomei coragem e comentei com Larissa que eu desenhava - o que pode parecer banal, mas para mim teve um significado enorme - e mostrei meu zine (Imagen 1 e 3). Ela me disse que aquilo precisava ser visto por mais pessoas e me fez ter coragem para mostrar meu trabalho na feira do dia seguinte.

No dia 6 de junho estive na feira compondo aquele espaço, me afirmando duplamente enquanto artista e pessoa trans. Foram duas horas de um ambiente “Porto seguro” - que se configuraram como “espaços de estabilidade e segurança tecidos na e além da universidade, e que fomentam a permanência” (Iazzetti, 2021: 212) - onde me senti pertencente à universidade, um lugar que parecia não ter sido feito para mim, uma pessoa trans e o primeiro da família a ingressar na universidade. Naquele momento, percebi que ocupar a universidade com o corpo e a arte, é permanência, é viver para além de sobreviver às dificuldades do ambiente competitivo da academia, das frequentes vezes que sou interrompido e subestimado por meus colegas homens cisgêneros (não trans) e da confusão que eles sempre fazem com meus pronomes.

Encerro meu relato com as palavras de Preciado (2021):

Prefiro minha nova condição de monstro à de homem ou mulher, porque essa condição é como um pé que avança no vazio, apontando o caminho para outro mundo. (Preciado, 2021: 296).

Pois naquele dia me abracei e relembrrei do limbo inominado em que me sentia e da potência que ele pode ter, tive orgulho da ameaça que represento e do legado de

conhecimentos poderosos que passei para minha irmã.

Monstros e ameaças ocupando a universidade

Confecção

Diante destas vivências em consonância com as reflexões geradas em campo, escolhemos para além de etnografar nossa experiência no Festival de Cotas Trans, ocupar o espaço da universidade. Escolhemos fazer isso por meio de uma intervenção artística que representasse nossos incômodos enquanto corpos que não foram feitos para habitar a universidade, bem como para demarcar nossa ocupação e (re)existência em tal lugar. Para isso, Ana Carolina Santino de Sá confeccionou dois desenhos (Imagem 4 e 5) manualmente¹⁴, que posteriormente foram digitalizados e impressos para serem espalhados na universidade por meio da técnica de lambe-lambe¹⁵.

Monstros e ameaças

Partimos da figura monstruosa e de sua potencialidade nesta intervenção, por meio do texto “Eu sou o monstro que fala” (Preciado, 2021) em confluência com a obra “Hackeando o sujeito: feminismo negro e recusa além dos limites da crítica” (Da Silva, 2021).

Preciado é um filósofo da dissidência, sobretudo da identidade, que apresenta uma série de insumos para se pensar os processos pós-identitários, enfatizando o caráter insuficiente da identidade para dar conta da subjetividade. O autor, logo no início de seu texto, enuncia: “Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas” (Preciado, 2021: 281). Desta forma, a monstruosidade, conforme o autor, é construída através de uma série de práticas e discursos, que classificam uns como humanos e outros como menos-que-humanos, monstruosidades.

166

Imagen 6; Imagem 7 (sem títulos).



Artes de Ana Carolina Santino de Sá

O monstro de Preciado é definido enquanto “Aquele que vive em transição” (Preciado, 2021: 297), ume habitante da fronteira da natureza e da cultura, aquela que não se encaixa em um tipo particular de ser humano (cis-hétero-branco), que se mimetiza em humano universal. Humano este, que traz consigo o colonialismo, o racismo e a escravidão, o patriarcado e a catequização. Conforme Da Silva (2021):

Enquanto a humanidade emerge como um conceito ético do iluminismo, a especificação de seu papel teve que esperar pelos enquadramentos científicos da diferença racial e cultural (do fim do século XIX a meados do século XX), ou seja, de ferramentas que circunscrevessem seu atributo distintivo, dignidade, aos limites da brancopia/Europa (Da Silva, 2021: 202).

Desta maneira, o regime de diferenciações sexuais (Preciado, 2021) e raciais (Da Silva, 2021), não diz respeito a uma ordem natural, transcendente ou simbólica incrustada no inconsciente, muito pelo contrário, trata-se de uma “epistemologia dos vivos” (Preciado 2021: 305), de um paradigma técnico, científico e cultural produtor de (des)humanidade.

O monsTrans (Arruda, 2020) evocado e apropriado por Preciado, é uma maneira criativa de hackeamento, da “recusa como modo de engajamento” (Da Silva 2021: 197) da posição em que o autor foi colocado, enquanto um sujeito abjeto aos olhos das normas regulatórias, dos efeitos do poder para tornar um certo tipo de corpo possível (Butler, 2019). Esta normatividade, que para manter muito bem circunscrita sua posição, produz também os corpos impossíveis, monstruosos, a fim de que se mantenha delimitada a fronteira entre humano e não-humano. Assim, a monstruosidade tida como ofensa para um certo tipo de humanidade, é hackeada por Preciado (2021) e realocada para um lugar de possibilidades e experimentações para além da identidade fixada pelo colonizador. A possibilidade revolucionária dos corpos e gentes que se encontram na monstruosidade, aparece como uma ameaça à humanidade estática, pois demonstra que há outras maneiras possíveis para além do CIStema binário de sexo-gênero. Conforme Preciado:

O corpo trans é para a epistemologia da diferença sexual o que o continente americano foi para o Império Espanhol: um lugar de imensa riqueza e cultura que superou a imaginação do Império. Um lugar de extração e aniquilação da vida [...] O corpo trans é um poder da vida, é a inesgotável Amazônia que se espalha através das selvas, resistindo a represas e extrações. (Preciado, 2021: 298).

Assim, os corpos trans, racializados, gordos e dissidentes têm o potencial de desordenação da lógica sistemática moderna de opressão através da perturbação dos pares das categorias binárias de homem/mulher, humanos/não humanos e natureza/cultura. Por meio de uma subversão que parte das possibilidades radicais hospedadas pelos corpos desumanizados contemplados nas cenas da violência, mas que ainda assim recusam as assimilações e resistem às agências do poder.

MonsTrans e ameaças em ataque

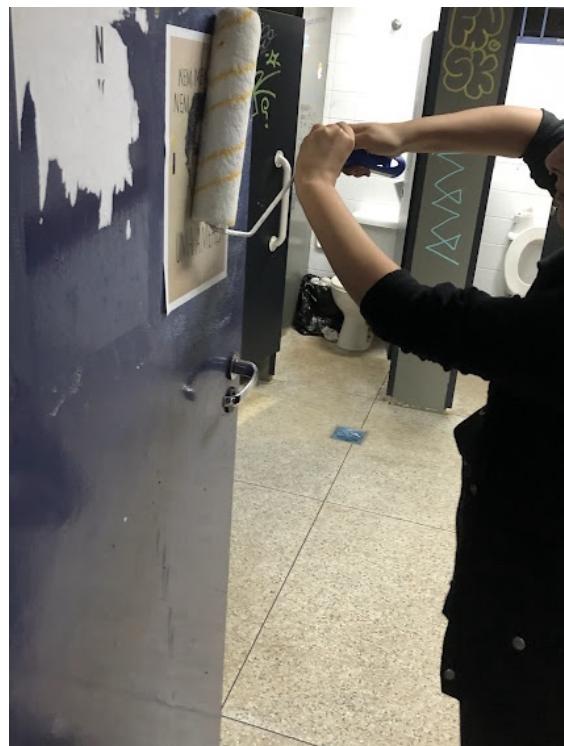
Em consonância com a discussão colocada, escolhemos fazer estrategicamente a colagem dos lambes nas áreas movimentadas da universidade e nos banheiros, enquanto “cabines de vigilância de gênero” (Preciado, 2019: 1). Conforme Preciado, a arquitetura dos banheiros públicos opera de forma silenciosa, discreta e certeira, enquanto um aparato que sustenta, confirma e prescreve o comportamento generificado. Conforme o autor:

No século XX, os banheiros se tornam autênticas células públicas de inspeção nas quais se avalia a adequação de cada corpo com os códigos vigentes de masculinidade e feminilidade. Na porta de cada banheiro, como único signo, uma interpelação de gênero: masculino ou feminino, damas ou cavalheiros, guarda-chuva ou chapéu, bigode ou florzinha, como se tivéssemos que entrar no banheiro para refazer o gênero mais do que se desfazer da urina e da merda. Não nos perguntam se vamos cagar ou mijar, se temos ou não diarreia, ninguém se interessa nem pela cor nem pelo tamanho da merda. A única coisa que importa é o GÊNERO. (Preciado, 2019: 1).

Com o regime da diferença sexual ganhando materialidade nas placas de feminino e masculino, os corpos trans, travestis, não binários, aqueles nem masculinos e nem femininos o suficiente, tornam-se inadequados, indesejados, neste espaço. Partindo desta perspectiva, propomos uma forma de *hackeamento* (Da Silva, 2021) do regime de gênero imposto pelas placas de feminino e masculino, ao fazer a colagem dos lambes por cima das placas deste ambiente que “fabrica os gêneros [...] sob o pretexto da higiene pública” (Preciado, 2019: 4).

Fotos da intervenção

Imagens 8 e 9 (sem títulos).



168

Arcevo des autories.

Imagens 10 e 11 (sem títulos).



Arcevo des autories.

169

Imagens 12 e 13 (sem títulos).



Arcevo des autories.

Imagens 14 e 15 (sem títulos).



Arcevo des autories.

Imagens 16 e 17 (sem títulos).



Arcevo des autories.

170

Imagens 18 e 19 (sem títulos).



Arcevo des autories.

171

Notas:

1 O Retrato da Escrava Anastácia, como é denominado, foi feito por Jacques Arago, que aos 27 anos era desenhista na “expedição científica” pelo Brasil em dezembro de 1817 e janeiro de 1818. A obra, muito conhecida dentro dos livros didáticas do país, ficou marcada pela associação as tamanhas atrocidades que os descendentes africanos passavam durante o momento da escravidão. Ver mais em Kilomba (2020: 33-37). Assim temo então como a história surge, o documento nasce financiado pelo colonizador; retrata seus feitos sob o ‘Outro’ que constrói e anos depois continua a contar a história que o mesmo colonizador deseja ouvir e propagar.

2 A plantation, suporte agrícola-econômico fundamental da colonização, é aqui compreendida não apenas enquanto forma de uso e ocupação da terra pelos colonizadores baseada na monocultura de plantas e paisagens, mas também como um sistema monocultor e extrativista de pessoas. Ao passo que, sua efetivação só se tornou possível por meio da mão de obra escravizada, da desumanização do corpo negro trasplantado de sua terra (McKittrick, 2016; Ferdinand, 2022). Kilomba (2020) reflete o sistema Plantation como uma instituição contínua de controle de corpos negros, pois a dinâmica da colonização se adaptou com o tempo e aos formatos do mundo moderno.

3 Penso no conceito de minoria enquanto categorização social de grupos frente a uma

“maioria” dominante. Entretanto, vale ressaltar, que esses grupos muitas vezes não estão em menores números, e acabam se tornando uma “maioria minorizada”.

4 Uma das vozes que entoaram nesta mesa foi a de Agnes Rodrigues Lemos, cabeleireiro, educador e co-fundador do Núcleo de Consciência Trans da Unicamp. Seu papel como professor, amigo, artista e ativista estará para sempre na memória das pessoas que lutaram ao seu lado na construção de um mundo melhor. Ele, ao lado de outros, nos instiga a continuar abocanhando os espaços que nos foram negados, sua existência ecoa. Agnes PRESENTE!

5 Aqui ela se refere ao direito do “nome social” que a comunidade custou a receber, como também a própria nomenclatura que este leva – social, como se antes disso não houvesse ali uma cidadã.

6 “Para tentar diferenciar pessoas gordas que sofrem mais opressão e outras que sofrem menos por causa da variedade de tamanhos de pessoas gordas, foram criadas as categorias “gorda maior” e “gorda menor”. Essa classificação busca evidenciar o lugar de opressão maior em que está localizada a “gorda maior” [...] no ativismo gordo, essas categorias são amplamente utilizadas e compreendidas dentre ativistas gordas/os” (Rangel, 2018: 74).

7 Não cabe a mim me caber nesses parâmetros, mas entendemos as tensões que podem existir num corpo gordo numa sociedade colonial. A fim de ampliar conceitos, ver Alvarez Castillo (2014).

8 Mórbido [adjetivo]: Que apresenta doença patológica: estado de saúde mórbido. Que se apresenta de modo triste: pessoa mórbida; livro mórbido. [Medicina] Relativo à doença; prejudicial à saúde; que provoca doenças. Que evidencia transtornos psíquicos; que contém determinada anormalidade; doentio. Sem energia nem força; frouxo: aspecto mórbido. Etimologia (origem da palavra mórbido). A palavra mórbido deriva do do latim "morbidus,a,um", com o sentido de doentio, patológico. Ver mais em: <https://www.dicio.com.br/mórbido/>

172

9 Assim como Neón e outras corpas que saudaram seus antepassados, saúdo a memória de meus mortos, e que em lembrança eles vivam diante das reivindicações por novos caminhos: Dielly Santos e Vitor Marcos PRESENTES. Ver mais em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/06/jovem-de-25-anos-morre-na-porta-de-hospital-estadual-de-sp-apos-ter-atendimento-negado-por-falta-de-maca-para-pessoas-obesas.ghtml> e <https://amazonas1.com.br/adolescente-vitima-de-bullying-se-suicida-por-nao-aguentar-mais/>

10 “A colonialidade caracteriza-se pelo controle da escuridão, assim ela evolui e é assim que a supremacia *branca* elabora o programa de perpetuação de sua presença em escala sideral: tentando controlar a negridão dos mares, as pessoas de pele escura e suas civilizações, e a negridão do espaço extraterreno. O negrume, o preto, o escuro ou uma noite sem lua, são os principais pesadelos dos *Seres* modernos, porque são as matérias, as vidas, os lugares e as situações que denunciam a prevalência da relatividade, do acaso e da efemeridade, princípios combatidos com a elaboração das ditas ciências humanas ou faculdade que delas se

aproximam, em especial a antropologia, a psicanálise e as psicologias” (Brasileiro, 2022: 37).

11 Antes do início da Ball Room, Luara Santos como a mestre de cerimônia, saúda a todos os coletivos ativistas presentes, inclusos nele: o Coletivo Anticapacitista Adriana Dias, o NCN (Núcleo de Consciência Negra) e o Coletivo AIU (Acadêmicos Indígenas da Unicamp).

12 Frase retirada do zine “Relato de uma transgeneridade cibernetica” (Imagem 1 e 2), confeccionado por Ana Carolina Santino de Sá, que teve como inspiração e base bibliográfica as obras de Haraway (2000) e Deleuze e Guattari (2010).

13 Ao longo do texto, nas seções escritas em conjunto, optamos pela utilização da linguagem neutra, pois eu utilizo preferencialmente pronomes masculinos e Larissa femininos. Ao passo que a sessão de relatos foi escrita de maneira individual, nela não utilizamos a linguagem neutra para nos referirmos a nós.

14 Foram utilizados para a confecção: folha sulfite, lápis grafite, giz pastel oleoso e canetas de nanquim.

15 Lambe-lambe é uma técnica artística de intervenção urbana que “desenvolveu-se no século XXI inspirado na técnica dos fotógrafos ambulantes para produção de textos e imagens com o intuito de tornar visível a opinião acerca de algum assunto ou anunciar eventos [...] Sua produção é fácil, acessível e criativa; o processo se dá desde a escolha da folha de jornal, que vai ser o suporte utilizado como folha do cartaz, à criação da arte, textos e imagens de inspiração do artista, até a preparação da cola e a escolha da parede para a exposição. É um tipo de arte de livre acesso a todos os níveis sociais, que representam a arte do próprio povo em seu contexto urbano, expondo sua marginalidade, repressão, preconceito e discriminação. As paredes repletas de lambes nos centros urbanos, se tornam museus a céu aberto, a arte se torna ao alcance de toda a cidade” (Do Nascimento; De Souza; Terezani, 2017: 1-2).

173

Referências

Azevedo, Célia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco*: o negro no imaginário das elites - século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Alvarez Castillo, Contanzx. “La cerda punk: Ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, antikapitalista & antiespecista”. *Trío Editorial*. 2014. Disponível em: https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2014/10/La_cerda_punk.pdf Acesso em 03 de outubro de 2024.

Arruda, Lino. Alves. *Monstrans*: Experimentando horrormônios. Edição do autor. Campinas, Sp. 2021.

Arruda, Lino. Alves. “Monstrans: Figurações (in)humanas na autorrepresentação travesti/trans sudaca”. Tese (Doutorado em literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

Bernardino-Costa, Joaze; Borges, Antonádia. "Um projeto decolonial antirracista: ações afirmativas na pós-graduação da Universidade de Brasília". *Educação & Sociedade*, v. 42, N°1, p 1-18, 2021.

Brasileiro, Castiel Vitorino. *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude*. n-1 edições, 2022.

Britto, F. D.; Jacques, P. B. "Corpo e cidade: coimplicações em processo". *Revista da UFMG*, v. 19, N° 1 e 2, p. 142–155, 2012.

Butler, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

Carneiro, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

Cunha, Néon. "Da sobrevivência LGBTS aos Princípios de Yogyakarta e ao Observatório no Grande ABC". In Costa, A. C. F. Et al. *Gênero e diversidade sexual: percursos e reflexões na construção de um observatório LGBT*, p. 15-27. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

Do Nascimento, Lorryne Barbara Ferreira; De Souza, George André Pereira; Terezani, Julianna Nascimento. "Lambe-lambe: a arte da intervenção urbana". *XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*. Fortaleza, 2017.

Da Silva, Denise Ferreira. "Hackeando o sujeito: feminismo negro e recusa além dos limites da crítica". In Spillers, Hortense J. Et al. *Pensamento Negro Radical: antologia de ensaios*. 1. ed. p. 193-255, 2021.

Ferdinand, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. Tradução: Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

Hartman, Saidyia. *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. 1. ed. Editora: Fósforo, 2022.

Haraway, Donna. "Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In Silva, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*, p. 37-129. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Iazzetti, Brume Dezembro. *Existe 'universidade' em pajubá?: transições e interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans*. - (Mestrado em

Antropologia), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2021.

Kilomba, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

McKittrick, Katherine. "Rebellion/Invention/groove". *Small axe*, 20 (1-49): 79-91, 2016.

Paterniani, Stella Zagatto. "Da branquitude do Estado na ocupação da cidade". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 31, p. e319109, 2016.

Paterniani, Stella Zagatto. "Ocupações, práxis espacial negra e branquicia: para uma crítica da branquitude nos estudos urbanos paulistas". *Revista de Antropologia*, v. 65, n. 2, p. e197978, 2022.

Preciado, Paul. "Eu sou o monstro que vos fala" (S. W. York, Trad.). *Cadernos PET Filosofia*, Curitiba, v.22, n.1, p. 278-331, 2021.

Preciado, Paul. "Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino". Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019.

Rangel, Natália Fonseca de Abreu. *O ativismo gordo em campo*: política, identidade e construção de significados. - (Mestrado em sociologia política), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

175

Sedgwick, Eve Kosofsky . "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, Quereres, v.28, p. 19-54, 2007.

Vieira, Daniela; Santos, Jaqueline Lima. (orgs.). *Racionais MC's entre o gatilho e a tempestade*. São Paulo: Perspectiva, 2023.